



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**NA FESTA E DEPOIS DA FESTA: “MULHERES DE VIDA  
LIVRE”<sup>\*</sup> EM MOMENTOS DE LAZER NA CIDADE DE JACOBINA-  
BA (1933-1934)**

Keila Nascimento Alves<sup>\*\*</sup>

**CIDADE: CAMPO PROFÍCUO DE ESTUDOS**

Ao longo do século XX, surgiram interesses em estudar a cidade em vários campos de pesquisa, inclusive tem-se a preocupação de produzir teorias globais sobre o urbano. Segundo o historiador José Assunção Barros (2012), passou - se a compreender a cidade enquanto artefato social com múltiplas dimensões. Nesse sentido, as pesquisas buscam abarcar outras dimensões da cidade, além dos aspectos institucional e organizacional.

A partir de 1950, no campo da história, surgem vários estudos sobre a morfologia de cidades específicas, associando os aspectos da forma material com os sócio-históricos. De modo, que a história urbana tem sido um profícuo e heterogêneo campo de estudo. As cidades são compreendidas em suas materialidades físicas, experiências sensíveis, produções de imagens e discursos sobre as mesmas, dentre outros aspectos. Bem como

---

<sup>\*</sup> O termo Mulheres de vida livre aparece pela primeira vez no O Lidador, na primeira página da edição 30 de 30 de março 1934. Os termos de mulheres de vida livre e mundanas eram usados para nomear mulheres prostitutas.

<sup>\*\*</sup> Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia- Campus IV. Mestrado em andamento em História, Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós Graduação em História- Universidade Federal de Campina Grande.

as cidades são consideradas como produção social e histórica marcada por interesses diversos e por vezes conflitantes.

No Brasil, estudos na década de 1960/70 e 80, numa abordagem de uma história econômica e social, entendia a cidade como o *locus* onde se realizava um processo de produção do capital e desenvolviam as relações de trabalho. Esses estudos foram importantes para compreender a transformação urbana no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. E ao longo da década de 1990, a emergência do campo da história cultural, possibilitou novas abordagens sobre o fenômeno urbano. Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2007) as cidades foram desde muito cedo o reduto de uma nova sensibilidade. Seus moradores e observadores desenvolveram e desenvolvem múltiplas formas de apreendê-las e representá-las. Desde modo, afirma a autora que a cidade não se restringe ao objeto concreto, mas, é também representações, imagens e discursos construídos por seus habitantes e observadores dessa cidade.

Neste sentido, a autora contribui para a historiografia brasileira sobre o urbano ao evidenciar a cidade como um campo fecundo para a pesquisa histórica, bem como ao apontar uma nova abordagem quanto ao referido objeto. Sendo essa perspectiva a história cultural do urbano, na qual as cidades são vistas para além do concreto: cidades sensíveis, sonhadas e imaginadas. Conforme Pesavento:

...Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos. (PESAVENTO, 2007, p.11)

Nessa abordagem analítica a cidade é considerada como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais. Desse modo, conforme Pesavento, sob a sua materialidade fisicamente concreta, palpável, visual, descortinam-se “cidades invisíveis”, sendo essas acessíveis à leitura historiográfica mediante uma série de imagens, representações e discursos construídos e experimentados pelos seus habitantes. Portanto, entendemos que as cidades são compreendidas no campo da história enquanto objeto de pesquisa de modo amplo. Assim, os historiadores, têm contemplado uma multiplicidade de temas a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Para desenvolver suas pesquisas, os historiadores utilizam um conjunto variado de vestígios

do passado, enquanto fontes históricas, como jornais impressos, fotografias, relatos de viajantes e obras literárias.

Ao adotarmos o jornal impresso como fonte, não o consideramos como repositório neutro dos acontecimentos, mas como suporte de práticas sociais e por isso, fala de um lugar social, de um determinado tempo e sob as perspectivas de atores históricos específicos, não são, portanto, reflexos do real, mas na constituição social, também, possuíram um papel ativo na composição de modos de vida, perspectivas e percepção histórica. Conforme as pesquisadoras Heloisa Cruz & Maria Peixoto (2007) não só a imprensa, mas todo documento, é um monumento, ou seja, é um artefato, no sentido de construto que em sua temporalidade social foi permeado por subjetividades e intencionalidades. Portanto, como as demais fontes a imprensa possui um caráter subjetivo, de interesses com determinados grupos sociais.

Desse modo, os vários vestígios produzidos por homens e mulheres numa temporalidade passada, não foram construídos para serem fontes para o historiador, mas sim tiveram inúmeras outras funções na dinâmica do vivido. Assim sendo, é o pesquisador que visando elaborar uma análise do social, busca produzir suas fontes por meio de escolhas, de combinações, seleções e recortando-as do uso que outrora tivera e as destinam a um outro emprego, qual seja o de fonte histórica. Como bem propôs as autoras:

De há muito, acertamos que o passado não nos legat testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui. (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p. 258)

Ainda conforme as autoras Cruz & Peixoto (2007) a imprensa (periódicos, gibis, revistas, almanaques, panfletos, etc.) é uma força ativa nos processos sociais e não meros repositórios de acontecimentos, é uma prática social que desenha concepções de cidades, define papéis de gênero, generalizam opiniões e modos de pensar como se fossem universais, a imprensa em sua atuação delimita espaços, mobiliza opiniões, constitui adesões e consensos.

**DA MEIA FINA AO BISTURI: DISCURSOS DO *O* LIDADOR E  
ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL SOBRE A CIDADE E SEUS ESPAÇOS DE  
CONSUMO**



A imprensa local (constituída pelo periódico impresso *O Lidador*, único jornal a circular entre 1933-1943, com periodicidade semanal e um total de 427 edições) e o setor político administrativo formaram uma narrativa na qual a cidade encontrava-se na senda do progresso. Seus discursos enalteciam a cidade e buscavam normatizar o que não estava em conformidade com o ideal de cidade em progresso e civilidade, desse modo, procurava intervir nas modificações urbanas e no cotidiano da cidade.

Os redatores do *O Lidador* ressaltam o papel do comércio local na dinâmica e contribuição para o progresso da cidade. Também os comerciantes locais especialmente, lojistas de roupas, calçados e acessórios, médicos e dentistas anunciavam que seus estabelecimentos e produtos estavam em conformidade com o moderno.

Dessa forma, a imprensa atua na constituição de uma narrativa que dá créditos de civilidade ao comércio, logo à atividade de consumo, na qual Jacobina enquanto cidade civilizada ofereceria um comércio diversificado e seus estabelecimentos seriam modernos, higiênicos e agradáveis. A imprensa e as publicidades de serviços médicos-cirúrgicos, bem como os reclames de lojas de roupas, ateliês de costura e consultórios dentários sugerem a abertura de uma nova maneira de se experimentar a ambiência urbana por meio do consumo de mercadorias e agenciamento do próprio corpo embelezando-o ou submetendo-o ao que se entendia por saudável (cuidados com os dentes e medicalização do corpo). Tal ambiência urbana deveria favorecer não só a circulação e consumo de mercadorias, mas também o trânsito de corpos belos e saudáveis.

Na análise do *Código de Posturas* observamos que o texto administrativo municipal, descreve uma cidade normatizada e disciplinada quanto ao espaço e práticas urbanas. As posturas foram determinações que controlavam o uso do espaço urbano, estabelecendo normas de higiene e princípios de salubridade ficando harmonizadas ao ideal de “progresso” e de “civilidade”. Instituíram-se regulamentações às atividades de comércio, do uso das ruas como espaço de trabalho, e às atividades e empreendimento de lazer como: circo, espetáculos, teatros e cinema.

Desse modo, os redatores do periódico *O Lidador*, agentes da administração municipal, principalmente o prefeito Reynaldo Jacobina Vieira e os comerciantes locais produziram discursos enaltecendo a cidade, ao tempo que procuravam normatizá-la. Em conformidade com as imagens discursivas sobre a cidade, produziram imagens do corpo feminino, o corpo exemplar, aceitável: corpo belo e saudável, prescrevendo também comportamento às mulheres e o contra-exemplo a não ser seguido, identificado com a

figura da prostituta, o corpo que nega-se a procriação e as funções da maternidade. À medida que os indivíduos destoam do discurso da imprensa e da administração municipal (político- médico) sobre a cidade e os corpos, essas instâncias nomeiam os de modo desprezível.

Importa, pois destacar a constituição de uma rede institucional que se expressa através dos documentos escritos que procuraram conduzir as modificações urbanas, não só no sentido de ordenamento espacial e embelezamento, mas também de um controle social. Não obstante, essa institucionalização de uma disciplina pelas instâncias do poder público e da imprensa, não compreendemos a cidade como campo de controle absoluto, mas como campo de luta, no sentido que a cidade é atravessa por assimétricas relações de forças<sup>1</sup>.

Mesmo que a organização funcionalista conceba a cidade como campo de operações programadas e controladas, visando estabelecer um espaço visível, ordenado e produtivo, segundo De Certeau (2012) as práticas cotidianas no espaço urbano escapam às totalizações do olhar técnico-racional, criando um novo texto, com os relatos ou novos usos do espaço urbano, são, pois práticas estranhas ao espaço planejado “... ao espaço geométrico’ ou ‘geográfico’ das construções visuais, panópticas ou teóricas...” (CERTEAU, 2012, p.159). Essa concepção de cidade coloca-nos diante da necessidade de procurar os indícios dos usos que os indivíduos faziam do espaço urbano que driblavam o enquadramento disciplinar. Também nos inquieta a pensar como aqueles que não tiveram grandezas (da fortuna, do nascimento, da ciência) que as predispuesse a notoriedade, pessoas que no curso normal de suas existências não deixariam rastros vivenciaram a cidade.

O historiador Antonio Clarindo Barboza de Souza em pesquisa sobre os populares de Campina Grande – PB, entre a década de 1970 e 1980, “... na sua luta cotidiana pela existência e pela fuga das garras da justiça e da polícia.” (SOUZA, 2001, p.9) mostra-nos que é possível ao historiador por meio das fontes jornalísticas, policiais e judiciais acessar a fragmentos dessas vidas e trazê-las à tona. Os dispositivos de poder colocam esses indivíduos em jogo, nomeiam-lhes de modo pejorativo: são feios,

<sup>1</sup> Desenvolvemos a discussão sobre a constituição de uma rede discursiva da imprensa, comerciantes e administração local sobre a cidade de Jacobina, intervenções urbanas, locais de consumo e corpo feminino no primeiro capítulo (DA MEIA FINA AO BISTURI: espaço de consumo na cidade de Jacobina) no Trabalho de Conclusão de Curso(licenciatura em História) vide referência do presente artigo.

malvados, criminosos e beberões. Aparecem como uma careta, uma máscara, então, poderíamos recusar esses documentos, porém é por meio desses que tais personagens aparecem. No entanto, não os recuperamos tal como foram, mas por meio dos vestígios, novamente os colocamos em jogo por meio do discurso historiográfico.

Como já afirmamos a imprensa local constitui uma narrativa da cidade de Jacobina, enquanto urbes civilizada e em progresso, com modernos prédios arquitetônicos, coreto, ponte de cimento, eletricidade, locomotiva e a imprensa. E *O Lidador*, advoga para si o papel de defensor e difusor do progresso, nesse sentido faz inúmeras reclamações sobre práticas que não convinham numa cidade onde o progresso se fazia presente<sup>2</sup>.

Ao longo das edições são muitas e constantes as reclamações sobre a criação de animais no perímetro urbano a exemplo desse trecho do texto “Com a Prefeitura [...] Jacobina, é de fato, uma das cidades sertanejas onde o progresso já se faz presente [...], não comporta, mais, em suas ruas, essa quantidade de animais. Cabras, vacas, cães, jumentos, <<pastam>> calmamente, pelas ruas...”<sup>3</sup> Acrescenta-se ao conjunto de reclamações as que se referem aos matos que cresciam nas ruas, venda de vísceras bovinas na feira- indo de encontro com a pretendida higienização e embelezamento da cidade. Também faziam várias reclamações e exigiam providências do delegado de polícia quanto a certas práticas e divertimentos que, segundo os redatores, incomodavam o sossego público e infringiam a moralidade pública. Como os banhos e lavagens de roupa no perímetro urbano do Rio Itapicuru, certos divertimentos como a algazarra de meninos no coreto da Matriz- praça central da cidade, os jogos de aposta e os cabarés. Compreendemos que a constante repetição de reclamações mostra a persistência de certas práticas e resistências cotidianas a esse projeto modernizador que intervinha com modificações na cidade e tentava disciplinar seu cotidiano.

### **MULHER COMO DEVE SER: IMAGENS DO CORPO E COMPORTAMENTO FEMININO NO *O LIDADOR***

No contexto de anseios pela modernização, a família era vista como um agente capaz de promover a ordem e o progresso. Nesse sentido, segundo Neemias Silva (2009)

<sup>2</sup> A imprensa em Jacobina. *O Lidador*, Ed. 01, p.01, 1933.

<sup>3</sup> Com a prefeitura. *O Lidador*, Ed.38, p.06, 1934.



nos artigos do *O Lidador* enfatizava-se o papel da mulher enquanto esposa e mãe, como educadora dos filhos. Seu papel no lar seria legitimar e fortalecer a instituição da família. Verificamos com a análise das publicidades do comércio local (de serviços médicos-cirúrgicos, de gabinetes dentários, de lojas de vestuário, calçados e acessórios) e de publicidades de circulação nacional de medicamentos e produtos de embelezamentos veiculadas no *O Lidador*, o delineamento de um tipo ideal de corpo feminino- corpo belo, saudável e fértil. Pensamos que a insistente preocupação com o útero e constante reafirmação da fisiologia do corpo feminino - como se “leis naturais” o coagissem a reproduzir- indica que a “verdadeira” feminilidade, passa obrigatoriamente pela maternidade, todavia, dentro dos limites do casamento.

Mas, não obstante, as tentativas de normatização e estabelecimento de regras e padrões, muitas mulheres em seu cotidiano destoavam desse perfil de corpo e comportamento. Quanto às mulheres no espaço público da cidade de Jacobina e suas táticas cotidianas, o autor Ricardo Batista afirma “... As [mulheres] pertencentes às camadas economicamente subalternas de Jacobina, incluindo – se aí as prostitutas, ocupavam as ruas muito mais amplamente, preocupando-se em menor intensidade com as convenções estabelecidas...” (BATISTA, 2010, p.80). Nesse sentido, as mulheres de camadas de menor poder aquisitivo que precisavam trabalhar se apropriavam do espaço urbano, não obstante certas convenções de gênero e normas referentes ao uso do espaço.

Segundo Batista

Não eram raras as advertências às lavadeiras jacobinenses, que insistiam em estender roupas nas cercas dos currais municipais. Os próprios artigos 58 e 59 do Código de Posturas Municipal proibiam a lavagem de roupa, além da utilização dos passeios, ruas, praças, travessas e becos para estender roupas de qualquer natureza... (BATISTA, 2010, p.80)

### **E A CIDADE AMANHECE EM FESTA? – “MULHERES DE VIDA LIVRE” EM MOMENTOS DE LAZER NA CIDADE**

Dentre os personagens que driblavam as malhas disciplinares, destacamos as prostitutas, chamadas no jornal de “mulheres de vida livre” e de “mundanas”<sup>4</sup> em

<sup>4</sup> O termo Mundanas aparece pela primeira vez no *O Lidador* na primeira página da edição 10 de 10 de novembro de 1933.

momentos de lazer no espaço urbano. Na primeira página da edição número 10, de 10 de novembro de 1933 o periódico traz uma pequena nota intitulada *Depois da festa... A pinguela* foi ao chão, sobre um acidente na pinguela (uma ponte de madeira, improvisada para atravessar o rio Itapicurú, que corta o centro da cidade) com pessoas que voltavam de uma festa. Eis a reprodução do texto

Depois da festa...

A pinguela foi ao chão

Na noite 3 do andante, houve lá para as bandas do Teixeira, um cabareta de encomenda.

Ao romper do dia seguinte, tontos de sono e aguardente voltaram da festança algumas mundanas, soldados do destacamento local e civis que da mesma fizeram parte, quando, ao passar pela pinguela existente sobre o rio Itapicuru, no lugar Bracinhos onze pessoas ao todo, a referida pinguela foi abaixo, e; com ela, os folgazões, maioria dos quais receberam contusões e ferimentos graves.

Segundo Batista cabarés de encomenda eram festas promovidas por pessoas que não eram donos dos bordéis “... e as mulheres eram contratadas especificamente para servir aos participantes da festa...” (BATISTA, 2010, p.81) Ao amanhecer do dia quando retornavam desse tipo de festa no momento que passaram pela pinguela, essa desabou e com ela os passantes, sendo que muitos tiveram contusões e ferimentos graves.

A redação do *O Lidador* localizava-se no centro da cidade na Praça da Matriz<sup>5</sup>, quem escreveu a nota tomou sua localização na cidade como parâmetro para se referir ao local da festa, colocando-o como local distante, como podemos observar pelo uso do advérbio lá [...] *lá para as bandas do Teixeira* [...] sugerindo uma hierarquização nos espaços da cidade, ao longo das edições os redatores colocam o centro da cidade, como sua sala de visitas. Então, notamos com isso que as mulheres, denominadas de “mundanas” se deslocavam no espaço citadino para cumprirem suas atividades econômicas e para se divertirem. Caso todos os participantes estivessem tontos de sono e aguardente, como afirma o jornal, as mulheres presentes além de usarem de seus próprios corpos para exercer práticas sexuais desviantes da normatividade matrimonial, também ingeriam bebidas alcoólicas. Não só participaram da festança como voltaram juntos as

<sup>5</sup> Na primeira página do *O Lidador* tem um pequeno cabeçalho informativo com nome do jornal e subtítulo, diretor, edição, data de circulação e localização da redação. Observando essas informações ao longo das edições notamos que da primeira edição (1933) à 158 (1936) o periódico expõe como endereço da redação e oficina a Praça da Matriz. E da edição 159 (1936) à última (1943) edição há um novo endereço, qual seja, Rua Senador Pedro Lago, ambas as ruas no centro comercial da cidade.



prostitutas, civis e também policiais locais. Assim, em certos momentos, a polícia que era responsável por coibir o trabalho das meretrizes, se envolviam com essas e partilhavam momentos de alegria e bebedeira. Observemos que os participantes são chamados de folgazões e os redatores afirmaram que esses estavam tontos não só de sono, mas também de aguardente. Noutras notícias a bebida é associada à desordem e transgressão moral, assim nas entrelinhas do texto sugere - se que esses homens e mulheres nessas circunstâncias seriam potenciais desordeiros.

Desse modo, os divertimentos em cabarés, que envolviam mulheres-prostitutas, civis e policiais destoavam da imagem de cidade civilizada, pois eram considerados elementos de desordem social e desvios dos bons costumes. Na primeira página da edição 30 que circulou 30 de março de 1934, o autor do texto Mi-careme, faz um apelo ao povo e à polícia quanto aos próximos festejos de Mi - careme. Eis a reprodução do texto:

#### Mi- careme

Fazemos um apelo ao povo desta cidade no sentido de abolir, por ocasião dos próximos festejos de mi- careme, o costume das mascaras (caretas) à noite, especialmente os trajes maltrapilhos que em vez de dá realce às festas deprime-na.

A polícia, a quem compete assegurar a ordem e o respeito à sociedade, deve estar atenta, para evitar que as mulheres de vida livre, mascaradas, tenham a ousadia de fazer parte das festas junto às famílias, como aqui se verificou pelo carnaval por que tal fato, sobre ser deprimente, é uma humilhação que o povo jacobinense não deve suportar.

No primeiro momento o apelo do jornal é dirigido ao povo da cidade, afim que esse colaborasse com o realce da festa vindoura. Por ocasião da Mi-careme seria necessário estar com trajes bem apresentáveis e deveria se deixar de usar máscaras à noite, inclusive o uso dessas permitiria que certos e indesejáveis segmentos participassem da festa. Mas se o povo da cidade é chamado a participar da festa, mas estando bem trajado, como se pretendia evitar que “mulheres de vida livre”, fizessem parte dos festejos? Não seriam elas parte do povo? Do povo citadino, com direito à cidade e seus lazares?

A imprensa ao instituir uma imagem de cidade civilizada, também exige um perfil de conduta e de corpo feminino comedido, de maneira que estigmatiza muitos outros corpos diferentes do perfil sugerido. Ao menos para o redator do texto Mi-Careme as prostitutas não fariam parte do povo. As prostitutas deviam ser vigiadas e controladas. As malhas discursivas da imprensa e da administração local de fato interdita o usufruto do espaço urbano para certos segmentos.

Conforme o *Código de Posturas* em seu *Cap. IX* sobre [...] o *entrudo, mascarar, bombas e busca-pés* [...] em seu artigo 97 era expressamente interdito o uso de máscaras que ferisse a moral pública e familiar. Eis o conteúdo do *Art. 97- Todo aquelle que andar mascarado com criticas, bando, etc. que ofenda a vida privada, de qualquer autoridade, corporação ou família, será multado em 30\$000, ou 24 horas de prisão*. No artigo 98 é expresso que [...] - *é prohibido andar mascarado, salvo nos dias de Carnaval e Mica-rame pena de 20\$00 de multa...*<sup>6</sup> Então reitera-se a proibição, mas abre uma brecha permitindo o uso de máscaras nos dias de festas de carnaval e mi – careme.

Em outras notícias do *O Lidador*, seus redatores fazem referência ao Código de Posturas, principalmente em relação à proibição de animais soltos nas ruas. Possivelmente, tinham conhecimento sobre as leis que regiam o cotidiano da cidade. No caso em análise, as mulheres de vida livre não teriam o direito à brecha que permitia o uso das máscaras, pois estariam ferindo a sagrada instituição familiar- legitimada via o sacramento do casamento. Tanto é que a imprensa expõe que seria o dever da polícia estar atenta para impedir a presença dessas mulheres. No mais a imprensa, com um papel pedagógico, afirmava que todos deveriam abolir o uso de máscaras a noite. Talvez por que a não identificação do indivíduo abrisse precedente para além de pintar a cara e vestir a fantasia, pintar o sete em plena festa.

Destaquemos no texto os termos ordem, respeito e família. “Mulheres de vida livre” não deveriam estar na festa, pois sua participação seria por sua parte uma ousadia tida pela imprensa como uma afronta, uma humilhação não aceitável pelas famílias. As famílias sim fariam parte do povo jacobinense.

Conforme Erick Araújo (2007), em pesquisa sobre a cidade de Fortaleza, nas décadas de 30 e 40 do século XX, algumas instituições tentaram por meio da moralidade, impor um controle social, visando a formação do “bom cidadão”. E percebe-se pelo aspecto da moralidade pública a presença do controle social. Araújo discute essa questão pelo viés político, a partir das tensões sociais verificadas entre o projeto do cidadão do Estado Novo e o comportamento transgressor das classes populares.

A Igreja Católica foi uma das instituições que pretendia estabelecer o controle social. Tanto o discurso moralizante da Igreja, quanto o do Estado, possui como

<sup>6</sup> Capítulo IX - o entrudo, máscaras, bombas e busca-pés- Artigo 97 e 98°, folha 14, Código de Posturas da Prefeitura de Jacobina – 1933.

pressuposto básico a idéia de família. A família é considerada célula nuclear do social, é no seio da família que se fermenta os sentimentos cristãos e patrióticos. Nessa lógica o matrimônio deveria ser defendido como o exemplo da relação duradoura. “... Por isso, a Igreja foi eminentemente contra o divórcio nos anos 30, utilizando em seus discursos elementos simbólicos pertencentes à representação harmoniosa de sociedade...” (ARAÚJO, 2007, p. 176)

Em relação à Jacobina, notamos a normatização do corpo feminino enquadrando-o não só em relação à beleza, saúde, mas também numa normatividade heterossexual. Com efeito, há no conjunto das publicidades e demais modalidades textuais no *O Lيدador*, implicitamente a afirmação da relação sexual entre homem e mulher como a correta, natural e que deve ser cultivada, passando pelos laços matrimoniais.

Segundo Antônio Paulo Rezende (1997), na década de 20 o carnaval era a grande folia na cidade de Recife. Nesse período a cidade se transforma ainda mais no território de sonhos e desejos. Mesmo no carnaval procura-se manter uma certa ordem e a polícia redobra sua atenção. Assim, também nesse período festivo, a cidade *moradia dos homens* (expressão usada pelo autor), é um campo de tensões constantes e não de absoluto controle. Conforme De Certeau (2012) com a racionalidade técnica a organização social pauta - se na distribuição de pessoas e coisas, atribuindo-lhes lugares específicos, localizando-os e esquadrinhando o movimento dos corpos no espaço. No entanto, a cidade é produtos de práticas e relatos, não é uma experiência única, é praticada, vivenciada de múltiplas formas.

Em seu cotidiano “mulheres de vida livre” ao andar pela cidade, mascaradas, ousavam festejar, ousavam gozar da alegria da festa, não obstante que a imprensa decretasse que essas deveriam ser evitadas. Aproveitando da prática comum do uso das máscaras, as mulheres de vida livre, aproveitavam dos sons da festa. De Certeau (2012), afirma que no seu cotidiano, os sujeitos inventam várias maneiras de fazer, burlando silenciosamente ao controle. Nesse sentido, o homem comum em seu cotidiano não está absolutamente submisso a uma rede disciplinar e de controle, pois esses sujeitos se apropriam e ressignificam os elementos que tem a sua disposição.



Já na edição 31 de 06 de abril de 1934, o jornal, aclama com entusiasmo os três dias de festas realizados “... domingo, segunda e terça-feira passadas...” (p.01)<sup>7</sup> Expõe que a festa foi animada, com a participação de dois bem organizados cordões: Os Sonhos de Pierrot e Mensageiros da Folia. É elogiado que os componentes dos cordões moças e rapazes ostentavam lindas e bem cuidadas fantasias. Além dos cordões que saíam as ruas, tiveram animados bailes no salão do Cine - Jacobinense. É elogiada a alegria e a ordem dos dias festivos. A cidade em progresso exigia um perfil de corpos saudáveis e dispostos ao trabalho. Que se trajassem bem e tivessem certos comportamentos. As festas da micareta realçariam o brilho da cidade, com seus organizados cordões, constituídos por moças e rapazes trajados a caráter, ou seja, bem fantasiados. Assim, a mi-careme realizada sob certas normas estaria à altura de uma cidade civilizada.

Conforme Antônio Rezende os espaços da festa e do sonho não escapam aos planejamentos dos imperadores da razão, preocupados com as suas transgressões. Assim, a grande moradia dos homens, a cidade moderna é lugar de uma dinâmica conflituosa. As tensões ocorrem nos usos dos espaços, na produção discursiva sobre a cidade, no campo dos desejos e sensibilidade. Nas palavras do autor “... Não há como disfarçar a tensão [da cidade], ela faz parte do seu dia-a-dia, não precisa de conflitos evidentes para percebê-las...” (REZENDE, 1997, p.71)

O periódico *O Lidador* afirma que a cidade estava em festa quando os momentos de lazer eram de segmentos mais favorecidos economicamente e quando eram relacionados à civilidade. Causando-nos a impressão que segmentos populares não fizessem parte da cidade. Certamente que certas práticas mais relacionadas aos populares não condiziam com a concepção de cidade civilizada. E diante disso, impunham-se várias restrições aos usos que esses faziam da cidade. Mas, sim, esses segmentos participavam, praticavam o espaço urbano e festejavam até o raiar do dia ou até cair à pinguela.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

ALVES, Keila Nascimento. **Corpo-Manequim**: Saúde, beleza e consumo femininos nos reclames do jornal *O Lidador* (1933-1943). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2013.

<sup>7</sup> Mi-careme Farra-Musica-Risos Entusiasmo!. *O Lidador*, 1934, Ed31, p.01.

ARAÚJO, Erick Assis de. Cap. 4 Moralidade pública; cap.5 Vigilância e repressão: diversões e práticas religiosas afro-ameríndios. In: **Nos Labirintos da Cidade:** Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História.** - 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BATISTA, Ricardo dos Santos. **Lues Venerea e as Roseiras Decaídas:** biopoder e convenções de gênero e Sexualidade em Jacobina - BA (1930-1960) / Ricardo dos Santos Batista. – Salvador, 2010. 119 f.: il.

DE CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade. In: **A Invenção do Cotidiano.** Tradução: de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis RJ: Vozes, 2012, (p.157-177)

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Na oficina do historiador:** conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, PUC, nº 35, pp. 253-270, Dez. 2007. Disponível em <<http://www4.pucsp.br/projetohistoria/series/series3.html>>. Acesso em 20 de novembro de 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias-** abertura. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, junho de 2007 (p.11-23)

REZENDE. Antônio Paulo. Cap. A cidade: olhares, tramas, tensões. In: **Desencantos Modernos:** Histórias Da Cidade Do Recife Na Década de XX- Recife: FUNDARPE, 1997.

SILVA, Neemias Oliveira da. Mulheres em *O Lidador:* Múltiplos enunciados, discursos uniformes In: MENEZES Adriano; OLIVEIRA Valter de. **Culturas urbanas na Bahia:** estudos sobre Jacobina e região/ (org.) Salvador: EDUNEB, 2009. (p.109-131)

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. Por uma vida menos infame In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de (org.)- **Populares na cidade-** Vivências de trabalho e lazer; João Pessoa; Ideia; 2011(81-108)

